



Uso de módulo de fibras para constipação e módulo simbiótico para diarreia em pacientes internados em um hospital privado de Pelotas/RS: Resultados parciais

RAQUEL FIRNKES¹, CARLA ALBERICI PASTORE²

¹ Autor, Nutrição, Universidade Federal de Pelotas

² Orientador, Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

Alterações do hábito intestinal são comuns durante internações hospitalares, sendo sua origem multifatorial:

- Constipação: imobilidade, analgésicos opioides, sedação, alterações dietéticas e na ingestão hídrica
- Diarreia: infecções, uso de antibióticos, medicações pró-cinéticas, desnutrição, dentre outros

O uso de fibras alimentares (solúveis e insolúveis) e produtos simbióticos (fibra solúvel prebiótica + micro-organismos probióticos) para tratamento da constipação e da diarreia, respectivamente, vem demonstrando bons resultados na resolução/alívio destes quadros.

OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo é avaliar o tempo até o melhora da diarreia ou da constipação com o uso de módulo simbiótico ou de mix de fibras, respectivamente, em pacientes internados no Hospital Miguel Piltcher, em Pelotas – RS.

METODOLOGIA

Estudo longitudinal observacional

- Pacientes internados nas alas clínica, cirúrgica, obstétrica e na UTI do Hospital Miguel Piltcher, instituição privada de saúde do Município de Pelotas/RS que recebe estagiários da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas.

Os dados foram coletados junto ao paciente/acompanhante e do prontuário hospitalar por estagiária de Nutrição. O risco nutricional foi avaliado através do Malnutrition Screening Tool (MST). As alterações intestinais foram definidas como:

- Diarreia: fezes pastosas ou líquidas, com 3 ou mais evacuações diárias, por pelo menos 2 dias.
- Constipação: ausência de evacuação ou fezes ressecadas/endurecidas, com dor e esforço à eliminação, por período mínimo de 3 dias.

Para tratamento da diarreia foi utilizado módulo simbiótico (mix de fibras solúveis e probiótico lactobacillus reuteri: Resource Fiber Mais Flora[®]), e para constipação foi utilizado módulo com *mix* de fibras solúveis (Resource Fiber Mais[®]), ambos 2 sachês/dia.

Os dados foram analisados através do programa Stata 11.1[®]. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS PARCIAIS

(2 meses de estudo: Março e Abril de 2013)

- Constipação: Nove pacientes (66,7% mulheres) apresentaram constipação, com idade média de 59,7 ±27,8 anos, sendo que 44,4% estavam recebendo analgésicos redutores da motilidade intestinal. Cinco pacientes (55,6%) obtiveram resolução do quadro entre o primeiro (n=2) e o segundo dia (n=3) de ingestão do *mix* de fibras. Dos demais (n=4), três receberam alta entre o 2º e 3º dia de internação sem evacuar e um paciente foi a óbito no 6º dia de internação, permanecendo na UTI em NPVO a partir do 3º dia.

Risco Nutricional (MST)	Constipação (n=9)	Diarreia (n=7)
Baixo Risco (escore = 0)	6 (66,7%)	1 (14,3%) *
Médio Risco (escore = 1)	2 (22,2%)	0 (0,0%)
Alto Risco (escore ≥ 2)	1 (11,1%)	6 (85,7%)**

* Paciente com 23 anos de idade

** Pacientes com idade entre 66 e 96 anos

- Diarreia: foram incluídos 7 pacientes com diarreia, com idade média de 74,6 ±25,0 anos, sendo 4 (57,1%) mulheres, sendo que todos os pacientes estavam em uso de antibióticos. Com o uso do simbiótico, o tempo médio de resolução da diarreia foi de 2,2 ±1,6 dias. Três pacientes (42,9%) foram a óbito na internação.

CONCLUSÃO

O uso do *mix* de fibras no tratamento da constipação foi efetivo, suprimindo possíveis carências da alimentação do paciente. Os antibióticos parecem exercer importante efeito disbiótico, contribuindo importantemente para a ocorrência de diarreia. O uso de simbiótico produziu efeito na rápida na resolução do quadro diarreico.

REFERÊNCIAS

- LUFT, V.; BEGHETTO, M.; POLANCZYK, C.; MELLO, E. Fatores de risco para diarreia hospitalar. Moreira Jr. Editora, p. 63-69, 2007.
- SAAD, S. Probióticos e prebióticos: o estado da arte. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas, v.42, n.1, 2006.
- STEFÉ, C.; ALVES, M.; RIBEIRO, R.; Probióticos, prebióticos e simbióticos – Artigo de Revisão. Saúde & Ambiente em Revista, v.3, n.1, p.16-33, 2008.